

A literatura infantil adaptada na educação inclusiva: alternativas de inclusão para o aluno autista numa perspectiva sociocomunitária

*Bianca Scalon Peres de Paula**

Introdução

Quando se considera uma prática inclusiva na Educação Especial, há que se pensar nas especificidades de cada aluno, para que esse não esteja apenas inserido no ambiente físico da escola, mas que faça realmente parte desse contexto e das interações necessárias para que uma educação de qualidade se efetive. Levar em conta as especificidades dos alunos requer uma prática apoiada na reflexão sobre os processos de ensino-aprendizagem, a sensibilidade à diversidade de modos de ser, e à criação de estratégias didático-pedagógicas que se mostrem capazes de bem sucedidamente fazer com que o fundo de conhecimentos socioculturalmente construídos por uma coletividade seja compartilhado pelos alunos, incluindo aqueles com deficiências. que mesmo que essa prática não nos conduza diretamente a uma escola inclusiva, nos auxilia a vê-la mais próxima.

Quando se parte do princípio de que cada aluno é único e, dessa forma, constrói sua própria aprendizagem de uma maneira também única, percebe-se que não é possível utilizar somente um caminho no processo de ensino-aprendizagem. Pensando na potencialidade de cada aluno, nas áreas nas quais ele se destaca e, também, nas quais é necessária a intervenção pedagógica adequada para que uma nova potencialidade se revele, é preciso que adaptações sejam feitas, tanto nos materiais utilizados, quanto na organização do processo de ensino.

Segundo Sasaki (2005), quando aplicados corretamente os princípios da educação inclusiva, ampliam-se as formas de aprendizagem de todos os alunos, uma vez que novas metodologias e intervenções diferenciadas e individualizadas, com todos os alunos, se fazem necessárias. São incorporados conceitos de autonomia, independência e empoderamento nas relações entre todas as pessoas que compõe a comunidade escolar e, ainda

Práticas baseadas na valorização da diversidade humana, no respeito pelas diferenças individuais, no desejo de acolher todas as pessoas, na convivência harmoniosa, na participação ativa e central das famílias e da comunidade local em todas as etapas do processo de aprendizagem, e, finalmente, na crença de que qualquer pessoa, por mais limitada que seja em sua funcionalidade acadêmica, social

* Pedagoga especializada em Educação Especial, mestranda em Educação, pesquisadora vinculada ao CAIPE-Conhecimento e análise das intervenções na práxis educativa sociocomunitária. E-mail: bsaperes@gmail.com

ou orgânica, tem uma contribuição significativa a dar a si mesma, às demais pessoas e à sociedade como um todo (SASSAKI, 2005, p. 23).

Esse artigo trata dos alunos abrangidos no âmbito das desordens do espectro autista, bem como da sua dificuldade de interação, elaboração simbólica e expressão comunicativa, incluindo a expressão e reconhecimento dos sentimentos. Pensando nessas dificuldades, consideramos que um material- e uma estratégia- comumente usado nas escolas, a literatura infantil, que nem sempre é considerada em toda sua complexidade - poderia auxiliar no trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais, dentre esses também aqueles autistas, impulsionando, dentre outras, o desenvolvimento das habilidades psicossociais. Essas podem ser definidas como aquelas que nos permitem perceber, influenciar, interagir com os outros; incluindo nossas habilidades para experimentar, demonstrar e reconhecer de forma contextualmente apropriada estados mentais; tomando decisões adequadas aos eventos (HENDERSON, BRYAN, 2004).

Martins (2011, apud BRILHA, 2012, p. 46), ressalta que:

É fundamental destacarmos que o importante nos processos interativos não é a figura do professor ou do aluno, mas é o “campo interativo” criado. A interação está entre as pessoas e é neste espaço hipotético que acontecem as transformações e se estabelece o que consideramos fundamental neste processo: as ações partilhadas, onde a construção do conhecimento se dá de forma conjunta.

Ao pensarmos no uso da literatura infantil como recurso didático é importante fazer a seleção das histórias considerando-se a idade do aluno, seu nível de desenvolvimento, e seu nível de elaboração de significados. Segundo Bettelheim (2012, p. 11), uma história, para enriquecer a criança

deve estimular a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Com este trabalho, pretende-se apresentar uma possibilidade para a inclusão do aluno autista, tratando de questões de sua aprendizagem, interação social e interpretação de mundo, que podem ser trabalhadas utilizando-se um material de fácil acesso, possível de ser adaptado à realidade desses alunos, num ambiente de compartilhamento social, seja com seu professor, seja com seus pares.

A questão do autismo e da sua educação

Tendo como princípio a constituição de uma filosofia de educação fundada em princípios de pari-oportunidade, organismos como a UNICEF (Fundo das Nações Unidas Para a Infância) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) vem promovendo, desde 1990, ações e eventos internacionais a fim de organizar linhas de ação que viabilizem uma educação mais equânime. E a partir dos quais foram gerados documentos importantes à causa de uma inclusiva, dentre eles a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990, em Jomtiem, na Tailândia e a Conferência Mundial sobre “Necessidades Educativas Especiais”, realizada em 1994, em Salamanca, na Espanha, sendo esta última a que mais decisivamente impulsionou as discussões sobre a educação inclusiva (SÁNCHEZ, 2005).

O documento originado da Conferência realizada em Salamanca propõe que as escolas regulares devem atender todas as crianças, independentemente de deficiências, origem, classe social ou etnia (CORDE, 1994). A educação inclusiva trata, portanto, das situações que levam à exclusão social e educacional de muitos alunos, referindo-se não somente aos alunos portadores de alguma deficiência, mas a todos os alunos.

O Brasil, através da LDBEN (1996), reconhece a diversidade de nosso contexto escolar e, na perspectiva de construir, ou tentar construir, uma sociedade inclusiva, propõe às escolas agir com eficiência pedagógica, flexibilidade no processo de ensino, estratégias diferenciadas, de modo que as peculiaridades dos alunos, em todas as suas necessidades, sejam atendidas. Essas ações, no entanto, passam, antes, pela formação dos profissionais que atuam nas escolas, lidando diretamente com os alunos e seus processos de aprendizagem.

Intensifica-se, então, para nós, a necessidade de uma prática docente consistente, haja vista a possibilidade de antever procedimentos relatados por estudiosos a partir de categorias como a reflexão, a reflexão na ação, a conscientização do docente e a inovação como resultado das práticas investigativas, principalmente no momento em que vislumbramos na educação brasileira inclusiva, “a construção de uma sala de aula melhor, na qual alunos e professores sintam-se motivados a aprender juntos e respeitados nas suas individualidades”. Alguns relatos de investigação de interações sociais entre professores e alunos em ambiente escolar regular inclusivo revelam iniciativas do aluno autista em buscar atenção e

reconhecimento do professor, quando utilizando recursos diferenciados, mas também, confirmam o inverso (SILVA e ARANHA, 2005, p.378).

De maneira que permanece, mais que preocupação, a necessidade de nos fazermos valer de buscas - a partir da relação entre o professor e o aluno como processo de mediação do conhecimento – por propostas que possam propiciar o desenvolvimento psicossocial e a autonomia desses alunos, auxiliados pelo professor, que deve observar e refletir, a cada ato, como mais bem organizar, transformar e reestruturar suas ações. Necessário se faz uma boa qualidade de sua relação com esse aluno, ao que Orrú, considerando a formação dos professores revela:

é importante que o educador contenha uma revelação e expressão interessantes, de modo a cativar esse aluno. [...] exercitar e preservar algumas características em sua personalidade como parte indissolúvel de seu compromisso com a educação [...] manter-se com uma postura que o abranja como um todo, isto é, ter uma filosofia de vida que implique sua maneira de ser e de ver o mundo (ORRÚ, 2003, p.9).

Pessoas com autismo devem ser conhecidas por seus educadores, ou qualquer outro profissional que com elas atuem, no sentido de que conheçam as especificidades desse quadro e daquilo que lhe é inerente, pois esse conhecimento vai guiar e “servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas” (ORRÚ, 2003, p.1). Tarefa que exige recursos e habilidades do professor, visando melhorar a sua interação com o aluno autista, bem como desse com seus pares; o que pode ser buscado, como veremos mais à frente, em relação à literatura infantil.

Destaca-se a importância da interação social na inclusão escolar, importante mecanismo para o compartilhamento da lógica das regras que vigoram no contexto sociocultural de uma coletividade. Tal interação precisa ser planejada de maneira a proporcionar aos alunos autistas oportunidades efetivas de convivência, uma vez que o conhecimento das pessoas, das coisas e o autoconhecimento, emergem das relações sociais. A psicologia histórico-cultural destaca os relacionamentos que toda criança deve vivenciar, a saber, aqueles verticais, formados pelas interações com pessoas com maior poder social ou conhecimento, como pais ou professores, e aqueles horizontais, que envolvem companheiros da mesma idade. Essas últimas são extremamente importantes para o desenvolvimento da competência social, “um constructo psicológico que reflete múltiplas facetas do funcionamento cognitivo, emocional e comportamental.” (CAMARGO, 2009, p.66).

A variedade de contextos e situações, na diversidade de interações, que permitem à criança se desenvolver socialmente, requerem soluções adaptativas, de acordo com o seu nível de desenvolvimento e espaço sociocultural. Contudo, o aluno autista, caracterizado pelas dificuldades na interação social e de comunicação, com interesses geralmente restritos, com funcionamento cognitivo que pode se apresentar aquém daquele apresentado por alunos da mesma faixa etária, e atitudes de isolamento, raramente vivencia, por si só, ocasiões para tanto. Quando, no entanto, as crianças autistas têm a oportunidade de conviver com outras crianças da mesma faixa etária, poderão ter estimuladas suas capacidades interativas, fato que pode impedir o isolamento, pois

crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil. (...) Na medida em que o sujeito é visto somente sob o ângulo de suas limitações, a crença na sua educabilidade e possibilidade de desenvolvimento estará associada à impossibilidade de permanência deste sujeito em espaços como o ensino comum (CAMARGO, 2009, p.68/69).

Os poucos estudos sobre a inclusão de alunos autistas na rede comum de ensino desconsideram suas habilidades educativas, pelos mais diferentes motivos, seja falta de preparo dos professores, das escolas, falta de maior diálogo entre escola e família, estrutura, recursos pedagógicos, e, de maneira importante, o preconceito, que pervade o cotidiano escolar.

A inclusão do aluno autista: a produção de material didático instrucional adaptado

O material didático-(psico)pedagógico adaptado se coloca, por definição, entre as ajudas técnicas, ou seja, “os elementos que permitem compensar uma ou mais limitações funcionais motoras, sensoriais, ou mentais da pessoa com deficiência, com o objetivo de permitir-lhe superar as barreiras da comunicação e da mobilidade” (MEC, Secretaria de Educação Especial, 2002, p. 08).

A inclusão pressupõe a participação de todos os alunos, dentre eles os portadores de necessidades especiais, em ambientes regulares de educação. Sabe-se, contudo, que as estratégias mais comumente empregadas nas salas de aula não se mostram efetivas, geralmente, para atender aos alunos do espectro autista. Seja pelo déficit de interação com o outro, seja pela dificuldade apresentada na significação e simbolização do que lhe é apresentado.

Como forma de favorecer a aprendizagem não só de conteúdos pedagógicos, como também de um comportamento que dirija-se a uma troca produtiva de sentidos no ambiente da sala de aula, intervindo nas dificuldades que caracterizam a escolarização do aluno autista, pensou-se na criação de um material diferenciado, que possibilitasse experimentar, de maneira simbólica, diferentes situações do cotidiano escolar. Tal material foi concebido utilizando-se da literatura infantil, uma vez que

as histórias infantis devem ser uma fonte de imagens que a criança deve usar para ter acesso ao conhecimento das coisas do mundo, funcionando como um excelente veículo de satisfação, pois oferece respostas a questões que a inquietam, permitindo a sua elaboração pessoal, o enriquecimento do seu imaginário. (SANTOS, 2006, apud BRILHA, 2012, p. 47).

Considerando às especificidades das desordens do espectro autista e as peculiaridade do trabalho pedagógico com alunos portadores de tal transtorno, foi que Carol Gray, em 1991, criou um novo conceito de literatura infantil, que chamou de histórias sociais. Tais histórias visam desenvolver competências sociais, utilizando-se de narrativas curtas, que possibilitem o compartilhamento de informações importantes ao convívio social. Fundamentam-se em explicitar situações sociais e conceitos de forma direta, provendo informações tangíveis sobre fatos, pessoas, situações e eventos. Embora ainda estejam em estudos, sendo alvos de pesquisas que objetivam analisar sua efetividade, as histórias sociais têm se mostrado de valia para colaborar com a interpretação de pistas sociais, por parte de pessoas autistas, passo importante para que o entorno social seja mais bem compreendido e gerenciado (RAO, BEIDEL, MURRAY, 2008).

O material do presente trabalho se constitui de um livro multissensorial formado por seis placas de mdf (painel de fibras de madeira), às quais foram acoplados objetos reais, comuns ao cotidiano escolar, de maneira a permitir o manuseio dos mesmos. Tais objetos incluem: lancheira, brinquedos, giz e apagador, estojo com lápis, apostador e borracha, diário de classe e quadro negro, além de escova de dentes, pasta, pente e toalha. Este material é utilizado para contar uma história social, usando dois bonecos (um menino e uma menina), em que é possível alternar expressões faciais (contentamento, tristeza, raiva), de forma que, ao longo do enredo, possam ser trabalhadas a expressão, o reconhecimento e a interpretação de sentimentos.

Foi estruturado levando-se em consideração a realização de uma atividade similar- o uso de histórias infantis simbolizadas com recursos multissensoriais- desenvolvida em 2010, com alunos autistas, que resultou numa interação positiva desses com a literatura infantil assim adaptada. Com base nessa primeira experiência criou-se um projeto de pesquisa para o desenvolvimento de material de literatura infantil baseado nos princípios do design universal, que contou com o auxílio do CNPq, por meio de bolsa de iniciação científica (PIBIC). Como resultado dessa pesquisa, que contou com pesquisadoras de iniciação científica do curso de Pedagogia e do Serviço Social, e de profissionais de instituições ambulatoriais especializadas na atenção à pessoa com deficiência, além da professora coordenadora do projeto, construiu-se o livro multisensorial aqui apresentado. Que compõe um conjunto de recursos didático-pedagógico suportados em histórias infantis de natureza social, pensado para favorecer as trocas culturais dos alunos com deficiência e os demais alunos. Tais trocas são essenciais para que os alunos com deficiência construam referenciais para “ler o mundo”, ação sem a qual nenhuma aprendizagem se constitui como significativa e nenhuma proposição de educação inclusiva se torna efetiva.

Entendemos que a proposição de um material didático planejado para favorecer a mediação sociocultural do aluno com deficiência encampa os princípios de uma educação sociocomunitária, entendida como aquela que se guia pelo

reconhecimento de que cada pessoa (na educação escolar e na educação social) é sempre mais do que os contextos e os epítetos que a classificam, é uma história e uma vida interior únicas, em contínuo florescimento; que toda a acção socioeducativa deve criar as condições para a irrupção dessa história e dessa vida interior, pois cada pessoa já é detentora de um saber e deve continuar a aprender a desenhar a sua história, num ambiente aberto, de confronto com os outros, de estímulo e de reconhecimento; que só uma visão positiva sobre o outro, todos e cada um, carregada de esperança, dá conta da capacidade humana inalienável em ordem à perfectibilidade, qualquer que seja a situação concreta em que cada pessoa se encontre, pois cada cidadão “é uma pessoa, ou seja, um sujeito activo e responsável do próprio processo de crescimento, juntamente com a comunidade de que faz parte” (CPJP, 2005); que a educabilidade de cada ser humano, a manifestação da sua humanidade única sob o estímulo da acção pedagógica, tem de estar inscrita na matriz de todos os projectos e dinâmicas de mediação socioeducativa (AZEVEDO, 2010, p. 06).

Em relação ao aluno autista a hipótese é a de que esse material favoreça o contato mediado com situações de seu dia-a-dia escolar; objetivando colaborar para a construção de novas possibilidades de interação social na escola e para favorecer, na medida do possível, a apropriação simbólica da cultura vigente em sua coletividade.

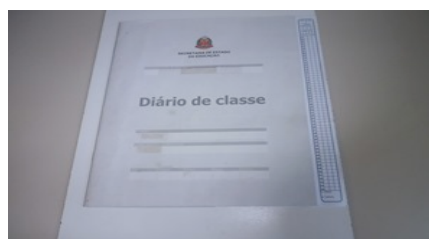
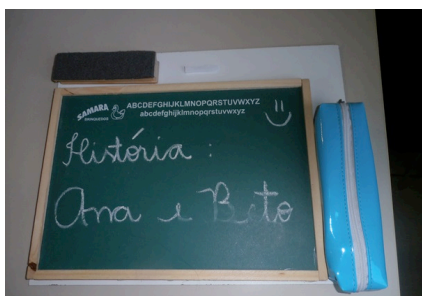
A história elaborada, denominada de “Ana e Beto vão à escola”, tem como situação-problema a entrada dos alunos no ambiente escolar. O que é a escola? O que se faz lá? O que fazer na “hora do lanche”?, dentre outros aspectos que são, no mais das vezes, ignorados quando se pratica a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola. Preparar o conhecimento desse aluno, simulá-lo em termos dos ambientes e das atividades que ele poderá encontrar, abordar, naquilo que for possível, os sentimentos que podem ser desencadeados nas situações escolares cotidianas, é importante para favorecer um processo de inclusão escolar menos ameaçador, ou menos estressante. A história também foi planejada para ser contada variando-se a ordem dos acontecimentos, buscando uma melhor adaptação com os possíveis sujeitos que podem fazer uso da mesma. Conforme o enredo se desenrola, o leitor pode acompanhar as atividades dos personagens, interagindo com os objetos que compõem a história. Atentando-se para o aguçamento da sensibilidade sensorial, muitas vezes presente nos casos do espectro autista, a textura do material, bem como outras características dos objetos empregados, foram controladas para favorecer o contato confortável dos sujeitos com o livro.

A escrita da história empregada nesse livro conta com duas versões: uma com o texto completo e original, outra redigida seguindo-se os parâmetros da escrita simplificada (UNIÃO EUROPEIA, 2003), fazendo uso de frases curtas e períodos simples; ambos ilustrados. Contudo, o conjunto do material ainda conta com outros suportes de leitura: um texto em comunicação aumentativa e um CD contendo a história em áudio. Qualquer um desses suportes acompanha as diretrizes propostas por Gray (2004) para a elaboração de histórias sociais. Dentre essas diretrizes está a redação de vários tipos de sentenças: a. descritivas, narrando personagens, ambientes e situações envolvidas; b. perspectivas, envolvendo as reações, sentimentos e respostas dos personagens; c. diretivas, as quais identificam uma resposta apropriada e direcionam o comportamento considerado o mais adequado para determinada situação; d. cooperativas, abordando diferenciações sobre quando solicitar e quando oferecer ajuda; e. afirmativas, que têm seu foco na expressão de valores e opiniões preponderantes num determinado entorno social e f. controle, cujo teor visa colaborar para que o sujeito identifique e coloque em uso suas estratégias pessoais para gerenciar as informações do entorno e seu comportamento social.

O livro elaborado possibilita ainda a criação de outras histórias, representando situações diferentes, favorecendo a significação de conceitos, a antecipação de suas ações e a

previsão das consequências dessas, e a tomada de decisão, dentro das possibilidades dos sujeitos.

Seguem, abaixo, fotos do material aqui referido.



O material atualmente vem sendo empregado, em atendimento psicopedagógico, junto a um sujeito de onze anos de idade, que apresenta Transtorno do Espectro Autista (diagnóstico aos seis anos), Transtorno Afetivo Bipolar e Síndrome de Tourette (diagnóstico aos nove anos). Não possui limitações cognitivas. Apresenta alterações de coordenação motora/praxia, e frequenta o 6º ano de uma escola municipal na microrregião de Campinas, São Paulo. Ele reconhece, nos elementos do livro, características que se fazem presentes no seu processo de escolarização, reunindo condições de referir-se a esse processo conforme interage com os objetos e a história. Embora a dificuldade na comunicação - muda constantemente de assunto, não mantém uma coerência na ordenação das ideias, em relação ao interlocutor – a presença dos objetos que compõem o livro e também o fio condutor da história, colaboram para que a expressão de pensamentos e sentimentos proceda de maneira

mais fluente e coerente. O tamanho e a forma de disposição dos objetos no livro favorece o manuseio, apesar das dificuldades de coordenação. Questionou se não havia mais páginas/placas do livro, e que podia ter uma para cada “matéria”. Manteve-se interessado na história, mudando a fisionomia dos bonecos conforme a história ia sendo apresentada, na maioria das vezes de forma pertinente. Os dados iniciais obtidos com essa experimentação indicam que os livros multissensoriais, acoplados a histórias sociais, podem ser uma alternativa promissora para a educação sociocomunitária do autista.

Considerações finais

Quando se trata de educação inclusiva, há que se pensar em todos os aspectos envolvidos numa prática que contemple a atenção às necessidades de aprendizagem de todos os alunos. A adaptação de recursos e materiais didático-pedagógicos se mostra essencial nessa atenção, não só enriquecendo o trabalho em sala de aula, mas também possibilitando ao professor trabalhar de maneira individualizada com cada um de seus alunos.

Utilizando a literatura infantil para esse fim, no sentido de utilizar o conceito de história social, é possível favorecer o compartilhamento cultural da coletividade do aluno, exercitando a “leitura de mundo”, necessária para nos situarmos no cotidiano.

Espera-se, portanto, que esse material constitua um suporte útil e eficiente no trabalho com o aluno com necessidades educacionais especiais, dentre esses o aluno autista, aqui destacado, e que encontra poucos recursos, geralmente, em seu processo de escolarização e de socialização. E também que este trabalho de pesquisa enriqueça os estudos sobre o assunto, possibilitando a continuidade de esforços para que consigamos uma melhoria na qualidade da educação inclusiva

É urgente que pensemos formas de educar a pessoa autista, entendendo que esta é uma tarefa da sociedade como um todo, e não somente da escola ou dos centros especializados. A pessoa autista pode e deve ser atendida em suas necessidades de envolvimento com a cultura de sua coletividade, constituindo-se como parte de uma comunidade. Só assim se pode dizer que está sendo tratada com a dignidade que a pessoa humana merece.

Recebido em 14 de março de 2014
Aprovado em 06 de junho de 2014

Referências

- Associação Europeia da ILSMH. **Simplifique**. Linhas orientadoras europeias para a produção de informação de leitura fácil para pessoas com deficiência mental. 2008.
- AZEVEDO, Joaquim. Contributos para uma perspectiva antropológica e sociocomunitária da educação. **Fórum “Pensar a escola, preparar o futuro”**. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 22 de janeiro de 2010.
Disponível em:
<http://www.joaquimazevedo.com/Images/BibTex/1701956609s%20Fórum%20Lisboa.pdf>
acesso em fev. 2014
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra. 2012.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB – Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. 1996.
- _____. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para a Educação: Recursos pedagógicos adaptados**. Brasília, DF, 2002.
- BRILHA, D. B. **Comportamento de interação em alunos com Perturbações do Espectro do Autismo: O contributo de histórias sociaisTM na hora do conto**. 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2295/1/Comportamentos%20de%20interação.pdf (acessado em 20 jun. 2013).
- CAMARGO, S. H; BOSA, C. Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: Revisão Crítica da Literatura, **Psicologia & Sociedade**; 21(1): 65-74, 2009.
- GRAY, C. Social Stories 10,0: the new defining criteria. **Jenison Autism Journal**, 15, p. 1-21, 2004.
- HENDERSON, G.; BRYAN, W. **Psychosocial aspects of disability**. USA/MA: Springfield, 2011.
- ORRÚ, S. A formação de professores e a educação de autistas. **OEI – Revista Iberoamericana de Educación**. 2003.
Disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/391Orru.pdf> (acessado em 14 jun. 2013).
- RAO, P.; BEIDEL, D.; MURRAY, M. Social Skills Interventions for Children with Asperger’s Syndrome or High-Functioning Autism: a Review and Recommendations. **Journal of Autism and Development Disorders**, v. 38, 2, pp 353-361, feb. 2008.
- SASSAKI, R. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**. V. 1, n. 1 p. 19 – 23. 2005.
- SILVA, S.; ARANHA, M. S. Interação entre Professora e Alunos em Sala de Aula com Proposta Pedagógica de Educação Inclusiva. **Revista Brasileira Especial**, Marília, Set-Dez. 2005, v. 11, n.3, p . 373-39